

LEITORES E LEITURAS DA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA NOS ANOS 1940 E 1950¹

Diogo da Silva Roiz²

Resumo: Pretende-se analisar as leituras que foram propostas sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda produzida ao longo dos anos 1940 e 1950, por meio do estudo detalhado das resenhas e dos comentários elaborados a respeito de seus livros. Como veremos abaixo, apesar de não haver certamente a totalidade das notícias que foram publicadas, as edições seguintes de *Raízes do Brasil* (em 1948, a segunda, e em 1956, a terceira), ou as primeiras de: *Cobra de vidro* (1944), *Monções* (1945), *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1958, 1959), não chegaram a gerar um número tão representativo e diversificado de comentários e críticas, como no caso de seu livro de estreia. Ainda mais se considerarmos que nos anos 1950, SBH estava no auge de sua carreira profissional, como diretor do Museu Paulista, e, depois, como catedrático da cadeira de *História da Civilização Brasileira* do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFFCL/USP), a partir de 1958.

Palavras-chave: Leituras; Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda.

READERS AND READINGS OF THE WORKS OF SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA IN THE 1940s AND 1950s

Abstract: It is intended to analyze the readings that were proposed on the work of Sérgio Buarque de Holanda produced during the years 1940 and 1950, by means of the detailed study of the reviews and the elaborated comments about his books. As we shall see below, although there is certainly not all the news that has been published, the following editions of *Roots of Brazil* (in 1948, the second, and in 1956, the third), or the first of: *Snake Glass* (1944), *Roads and Frontiers* (1957) and *Vision of Paradise* (1958, 1959), did not manage to generate such a representative and diverse number of comments and criticisms, as in the case of his debut book. Even more so if we consider that in the 1950s, SBH was at the height of his professional career, as director of the Paulista Museum, and later, as chair of the History of Brazilian Civilization chair of the course of Geography and History of the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters from the University of São Paulo (FFFCL / USP), from 1958.

Keywords: Readings; Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda.

LECTORES Y LECTURAS DE LAS OBRAS DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA EN LOS AÑOS 1940 Y 1950

Resumo: Se pretende analizar las lecturas que se propusieron sobre el trabajo de Sérgio Buarque de Holanda producido durante los años 1940 y 1950, a través del estudio detallado de las reseñas y los comentarios elaborados sobre sus libros. Como veremos a continuación, aunque ciertamente no hay todas las noticias publicadas, las siguientes ediciones de *Raízes do Brasil* (1948, la segunda, y 1956, la tercera), o la primera de: *Glass Snake* (1944), *Monsoons* (1945), *Paths and Borders* (1957) y *Vision of Paradise* (1958, 1959) no generaron comentarios y críticas tan representativos y diversos como en su libro debut. Especialmente si consideramos que en la década de 1950, SBH estaba en el apogeo de su carrera profesional, como director del Museo Paulista, y más tarde como presidente de la cátedra de Historia de la Civilización brasileña del curso de Geografía e Historia de la Facultad de Filosofía, Ciencias y Cartas de la Universidad de São Paulo (FFFCL / USP), desde 1958

Palabras claves: Lecturas; Raízes do Brasil; Sérgio Buarque de Holanda;

A escrita de uma história do Brasil: as “pressões” do passado, as “oportunidades” do presente e a “esperança” no futuro

Meu querido Sergio:

Vindo hoje ao Rio (estou em Petrópolis) encontrei sua carta de 19 deste mês. Só concordo em publicar *A vida de D. Pedro I* resumido ou em cortes se você quiser incumbir-se da tarefa. Eu não posso fazer o trabalho aqui (acabei a revisão total de todos os meus textos), sinto-me sem paciência e cansadíssimo. Bem sei que estou propondo um absurdo, mas não confio no tal Barão tradutor.³

Era então, 26 de fevereiro de 1954, quando Octávio Tarquínio de Souza respondeu a carta de Sérgio Buarque de Holanda (SBH) de 19 daquele mês. Conhecidos de longa data, Octávio informava que estava

¹ Versão resumida e revista do sétimo capítulo de nossa tese de doutorado. A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

² Doutor em História, professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Email: diogors@yahoo.com.br

³ *Carta de Octávio Tarquínio de Souza a Sérgio Buarque de Holanda*, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1954, 2p. Siarq-Unicamp, Cp 142 P8.

chegando de viagem, cansado do trabalho, e pedia a Sérgio para que se ocupasse da função de terminar as correções dos originais da biografia que escrevera d'*A vida de D. Pedro I*.⁴ Aquela rotina de trabalho era então comum entre os dois amigos, que escreveram juntos uma *História do Brasil* (HOLANDA, SOUZA, 1944), livro didático voltado para a 3ª série do ensino secundário⁵, e que foi publicado em 1944 pela José Olympio Editora⁶. A missiva em questão serve para verificarmos como SBH foi aos poucos intensificando sua rotina de trabalho, seja na escrita e correção de textos, seja na pesquisa em arquivos, ou mesmo na apresentação de trabalhos (HOLANDA, 2002a; 2011b), cada vez mais voltados para os “estudos históricos”, de modo a ir se especializando neste campo de estudos, verdadeiramente como um “historiador profissional” (DIAS, 1985; CANDIDO, 1998a; MARRAS, 2012).

Por isso mesmo, queremos analisar aqui como SBH pensou a história do Brasil nos anos 1940 e 1950, e como essa produção foi analisada pela crítica especializada, especialmente, nos textos publicados na imprensa periódica, no momento mesmo em que seus livros: *Monções*, de 1945, *Caminhos e fronteiras*, de 1957, e *Visão do paraíso*, de 1958 e 1959, foram lançados. Além de concomitantemente ir preparando a segunda e a terceira edição de *Raízes do Brasil*, que foram publicadas, respectivamente, em 1948 e em 1956.

De início veremos os comentários aos livros de SBH, para em seguida fazermos o movimento inverso, o de analisar como o autor esteve perpassando pela crítica especializada, e se firmando como “historiador profissional” na universidade (CANDIDO, 1998a; MARRAS, 2012). Tanto *Cobra de vidro*, quanto *Monções*, tiveram apenas um comentário na imprensa periódica neste momento, e no caso de *Monções*, para sermos ainda mais precisos, apenas o cartaz de divulgação da Editora, que apresentava uma síntese da obra em seu verso. Em 14 de agosto de 1944, em resenha sobre o livro *Cobra de vidro*, Nelson Werneck Sodré (1911-1999), autor de vários livros e que começava a se aventurar pelo marxismo nos anos 1940 (SILVA, 2001), começava por observar que apesar da variedade de artigos que foram reunidos para formar o volume, SBH conseguiu lhes dar coerência e consistência. Para ele:

Desde “Raízes do Brasil”, o ensaísta se firmou como um dos nossos estudiosos capazes de ver melhor nem só os motivos nacionais, aquele lado peculiar, e às vezes até ornamental, das nossas coisas, como as razões motoras do processo social, analisado por ele em suas fases mais significativas, e situado, segundo as suas particularidades, na totalidade do desenvolvimento humano, com o rigor [...] e numa escala compatível com a nossa contribuição (Siarq/Unicamp, Pt 177 P61).

E a quê muito de nossos estudiosos tinham temerosa dificuldade. Além disso, a “cultura literária” que foi acumulando “é um complemento necessário à sua personalidade”, não lhe servindo, aliás, “senão para encarar a atividade criadora no seu verdadeiro sentido [...] como um dos aspectos mais curiosos e mais significativos da atividade social”. Ademais:

[...] nesse pequeno livro, afirma-se, pois, o mesmo interprete seguro de “Raízes do Brasil”, oferecendo fatias de uma crítica sutil e aguda, que é indispensável conhecer e onde ha muitos pontos de grande interesse, tratados por alguém que conhece a significação dos detalhes mas sabe, ainda, dar-lhes, no conjunto, a situação própria (Siarq/Unicamp, Pt 177 P61).

Apesar dos elogios lançados por Sodré, quando publicou em 1945 (e reeditou em 1949) seu livro *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, além de não acrescentar o livro *Raízes do Brasil* entre as obras básicas para se conhecer a formação da sociedade brasileira, manteve-se próximo a “tradição historiográfica” de então, vindo a destacar autores como Varnhagen, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, dentre outros (SODRÉ, 1945; FRANZINI, GONTIJO, 2009). Por sua vez, a obra *Monções*, de 1945, curiosamente não chegou a gerar discussão na imprensa periódica, provavelmente, devido ao local em que foi publicada a primeira edição do livro, a Livraria e Editora Casa do Estudante do Brasil. Não temos o número exato da tiragem, mas é bem provável que não tenha passado dos 500 exemplares (número que chegamos comparando-a com a tiragem de outros títulos da editora), sendo o exemplar comercializado por 25,00 cruzeiros. Por essa razão, a divulgação da obra se deu por meio de cartazes produzidos pela própria Editora, que além do preço e a indicação de que o “livro [era] indispensável aos estudiosos e professores de história do Brasil”, apresentava em seu verso, que:

⁴ Aquele não era o primeiro estudo biográfico empreendido por Octávio Tarquínio de Souza, que desde os anos 1940 vinha cotejando a possibilidade de historiar os principais personagens do período imperial brasileiro; tarefa, aliás, que foi levando a cabo entre os anos 1950 e 1960. Para maiores informações a respeito de sua produção biográfica, consultar: Gonçalves, 2010.

⁵ Veja-se, por exemplo, o comentário de jornal, intitulado “Acerca dos livros didáticos”, de Olívio Montenegro, no qual destaca a utilidade dos livros didáticos, especialmente, o de “História do Brasil”, de autoria de Octávio Tarquínio de Souza e Sérgio Buarque de Holanda. **Correio da Manhã**, São Paulo, 29/10/1944. Siarq/Unicamp, PT55 P59.

⁶ Para maiores informações sobre isso, ver: Gonçalves, 2009, p. 109-124.

O autor de *Monções* não pretende oferecer simplesmente um quadro cronológico dos acontecimentos que deveriam assegurar a ampliação do domínio luso-brasileiro para o Oeste, mas interpretar a vida e atividade dos homens que participaram desse esforço, examinar as influências de toda ordem que sobre eles se exerceram e fixar os motivos que determinaram sua marcha para o sertão remoto e desconhecido.

O livro, que apresenta em anexo documentos inéditos de grande importância, abrange os seguintes capítulos: “Os caminhos do sertão”, “O transporte fluvial”, “Ouro”, “Sertanistas e mareantes”, “As estradas móveis” e “Comércio de Cuiabá”. São todos temas da maior importância para o estudo da origem, desenvolvimento e expansão da América portuguesa e do povo brasileiro, cada dia mais forte nas suas afirmativas nacionais e na sua vocação econômica e socialmente democrática. Livro, portanto, valioso e indispensável aos estudiosos da nossa cultura (Siarq/Unicamp, Pt279 P62).

Há que se notar que certamente SBH teria sido contrário a opinião lançada pela Editora, de que o “povo brasileiro, cada dia mais forte nas suas afirmativas nacionais e na sua vocação econômica e socialmente democrática” estaria se estabelecendo no Brasil, visto que na segunda edição de *Raízes do Brasil*, então em preparo, ele não mudou nada de suas premissas a esse respeito (HOLANDA, 1948). Mas infelizmente não temos subsídios suficientes para adentrarmos nesse ponto. Até por se tratar mais de um chamativo comercial, do que de uma constatação presente na obra em questão.

Contudo, se *Cobra de vidro* e *Monções* passaram quase despercebidos nos anos 1940, o contrário se veria com a segunda e a terceira edição de *Raízes do Brasil* (de 1948 e de 1956), que receberam pelo menos 3 comentários na imprensa periódica cada uma delas, assim como a primeira edição de *Caminhos e fronteiras* (de 1957) e de *Visão do paraíso* (de 1958, 1959), que tiveram, respectivamente, 34 e 24 comentários, durante o período de 1957 a 1959.

Assim como no caso da primeira edição de *Raízes do Brasil*, não tivemos como percorrer a totalidade dos 78 recortes de jornal (ROIZ, 2013), nesse caso igualmente só teremos como fazer um breve panorama, e que esperamos possa indicar que, ao contrário de verificarem um estreante no mercado editorial, salientavam a maturidade, a erudição, a inovação e a propriedade com que o “historiador por vocação” (GLEZER, 1976) que foi até então SBH, em função de seu percurso, firmava-se verdadeiramente como um “historiador profissional” na universidade, a partir dos anos 1950 (DIAS, 1985, 1988, 2002; CANDIDO, 1998a; MARRAS, 2012). Local, aliás, onde o “ofício de historiador” estava então se estabelecendo de fato, com a separação dos cursos de Geografia e História, que até 1955 funcionaram unificados, na formação de seus profissionais (FERREIRA, 2013; ROIZ, 2012).

Sobre isso é interessante constatar como o advogado e jornalista Candido Motta Filho (1897-1977) e o historiador João Camilo de Oliveira Torres (1915-1973) apresentaram suas leituras da segunda edição de *Raízes do Brasil*. Para Motta Filho, que publicou sua análise no *Diário de S. Paulo* de 4 de abril de 1948, e que lia pela segunda vez a obra, este acabaria tendo a mesma impressão positiva. Especialmente, pelo modo como seu autor demonstrava as razões que levaram ao fracasso da empresa holandesa, ao passo que o sucesso da portuguesa esteve intimamente ligado ao uso que se fez da língua portuguesa no processo de colonização das novas terras, de modo a fazer com que tanto o gentil, como o africano escravizado, fossem assimilados na cultura lusitana, tendo-a a base no trato cotidiano dos grupos locais. Outro ponto importante na obra, segundo nos informa, é relativo ao trabalho escravo do negro, que consolidou o domínio agrário e assegurou a promoção e a conformação de “relações cordiais” entre os indivíduos, tendo este domínio apenas começado a declinar no final do século XIX, com a extinção do trabalho escravo (em 1888) e com o início da consolidação do predomínio urbano (a partir da década de 1850). Para ele ainda, “este ensaio não apanha todas as ramagens das raízes do Brasil, que estão ocultas por entre antagonismos e que pedem explicação e estudos”, mas, certamente, com “o presente ensaio [...] fez muito mais do que outros que se dizem os donos das verdades brasileiras” (Siarq/Unicamp, Pt 178 P61).

No texto de Oliveira Torres, publicado em *O Diário* de Belo Horizonte, em Minas Gerais, na edição de 30 de outubro de 1950, cujo tom de sua análise era a “Reedição de um clássico”, lia-se que foi publicado “primeira vez em 1936 [...] [e] logo se impôs como um dos livros essenciais para o conhecimento da realidade brasileira”, e por essa e outras razões é “um clássico e está dito tudo”. Apesar de erroneamente estar indicado que aquela era a terceira, e não a segunda edição, sua análise é muito elucidativa, e mostra como parte da intelectualidade brasileira estava sendo inspirada pelas teses apresentadas no livro. Para ele, certamente a principal era a do “brasileiro, homem cordial, eis uma das teses célebres do livro”, e o “mais é lê-lo”

Siarq/Unicamp, Pt 179 P61)⁷, para apreender seu projeto de mudança social gradual, efetivamente alicerçada com a consolidação da democracia no país, em prol das atitudes cordiais ainda vigentes.

Note-se que além dos comentários que saíam nos jornais, e da divulgação que empreendia José Olympio, por meio de sua livraria e editora, SBH também procurava divulgar seus livros entre amigos e conhecidos, sempre tirando 20 exemplares de suas respectivas edições, cuja função era a de presentear, apresentar sua obra, e assim tentar ir alcançando um público maior para consumi-la. Veja-se, por exemplo, a resposta que o sociólogo estado-unidense Donald Pierson (1900-1995), que então se encontrava no Brasil, lecionando e fazendo pesquisas, ofereceu a SBH em 19 de março de 1948, após receber a segunda edição de seu livro *Raízes do Brasil*:

Por intermédio do Professor Herbert Baldus, recebi o exemplar, com que me honrou, da segunda edição da sua excelente obra, “Raízes do Brasil”. Aqueles, como eu, que têm verdadeiro interesse pelo Brasil, estão-lhe muito gratos pela reedição desta penetrante análise da origem e função de certas atitudes, ideias e pontos de vista brasileiros e sua relação a organização e mudança sociais (Siarq/Unicamp, Cp 83 P7)⁸.

Muito próximo a opinião de Oliveira Torres, a missiva encaminhada por Pierson centralizava justamente sua reflexão sobre as “relações cordiais”, que fundamentaram certos tipos de padrões de sociabilidade na história brasileira. Certamente, até aqui acentuamos como foram definidas algumas impressões sobre a publicação da primeira edição de *Cobra de vidro*, em 1944, e de *Monções*, no ano seguinte, e como foi recebida a segunda edição revista de *Raízes do Brasil*, em 1948⁹.

Contudo, convém, desde já, salientarmos que seria com a primeira edição de *Caminhos e fronteiras*, em 1957, e, depois, com *Visão do paraíso*, entre 1958 e 1959, que foram demarcadas efetivamente as qualidades do “crítico literário” e “sociólogo”, que progressivamente foi se definindo como “historiador do Brasil”. É o que já acentuava o escritor e jornalista Edgard Cavalheiro (1911-1958), que em 21 de dezembro de 1957, no jornal *O Estado de S. Paulo*, na seção *A semana e os livros*, destacou em seu artigo “Caminhos e fronteiras” que:

Sérgio Buarque de Holanda será, entre os nossos historiadores, aquele de melhor estilo, de língua mais pura, mais envolvente e agradável de se percorrer. É lugar comum a afirmativa de que os nossos melhores pesquisadores, perdidos entre montanhas de documentos, nem sempre conseguiram dirigi-los e apresentá-los de forma convidativa aos leitores. Isso jamais aconteceu com qualquer estudo do autor de “Raízes do Brasil” [...] (Siarq/Unicamp, Pt 205 P61).

Avaliação semelhante seria feita poucos dias depois pelo historiador João Camilo de Oliveira Torres, em *O Diário* de Belo Horizonte de 27 de dezembro de 1957, onde revelava que houve “muitos livros de temas históricos publicados este ano: ‘Caminhos e Fronteiras’ é um dos melhores”, entre outras razões, por que:

Se o leitor não especializado lê com agrado este livro ameno e interessante que trata de uma infinidade de assuntos, o historiador de profissão, apreendendo em cada página, admira a complexa e exata informação de Sérgio Buarque de Holanda, e admira-se da inconsciência e tranquilidade de muitas afirmações da historiografia nacional média. Este livro mostra-nos como são limitadas, falhas e inexatas as informações de muitas e muitas obras históricas brasileiras. Livro que rasga horizontes, demonstra que devemos estudar muito e muito a história do Brasil (Siarq/Unicamp, Pt 206 P61).

Além disso, para Oliveira Torres, SBH mantinha sempre uma atitude crítica e comparativa em suas análises. Ele seria minucioso com o detalhe e igualmente atento para alcançar a compreensão do andamento do processo geral. E, ao invés de aceitar o já dado, ele age sempre como historiador de ofício, ao questionar os documentos e a historiografia, e por meio deles formular novas interpretações de um dado momento histórico, ao cruzar fontes e interpretações já aclimatadas em nossa historiografia. O mesmo autor voltaria a tratar da questão na *Tribuna da Imprensa* de 2 de janeiro de 1958, em seu artigo “Caminhos e fronteiras”, no qual diria que:

⁷ Aqui é desnecessário adentrarmos na avaliação esboçada pelo crítico de arte e ensaísta Sérgio Milliet (1898-1966), publicada na *Folha de Minas* de Belo Horizonte, em Minas Gerais, na edição de 31 de dezembro de 1950, onde destacava a propriedade da nova edição, revista pelo autor, que acentuava com mais argumentos aspectos da colonização portuguesa, do predomínio rural, do caráter ruralista de nossa formação cultural, acentuada pelo tom cordial das relações sociais que aqui se manifestaram, ao longo da história brasileira. Siarq/Unicamp, Pt 61 P59.

⁸ **Carta de Donald Pierson a SBH, São Paulo, 19 de março de 1948.** Siarq/Unicamp, Cp 83 P7.

⁹ No caso da terceira edição, igualmente seriam salientadas tais características, como nos indicam as notícias publicadas na *Folha da Manhã*, de 7/10/1956, e n^o *O Estado de S. Paulo*, de 17/10/1956. Cf. Siarq/Unicamp, Pt 186 P61, Pt 187 P61.

Muito se escreve sobre História do Brasil, [mas] pouco se trabalha com rigor neste campo, tanto que, sempre que alguém faz uma pesquisa a sério em qualquer setor destrói meia dúzia de lugares-comuns estabelecidos e descobre novidades sensacionais.

Do sr. Sérgio Buarque de Holanda se pode dizer, após a leitura deste magnífico volume [...], que faz, realmente trabalho de pesquisa histórica. Não se limita a escrever coisas sobre História do Brasil, como tanta gente faz, repetindo autores; o importante é que conhece os assuntos de que trata. Este volume faz parte destes livros, geralmente raros, nos quais aprendemos em tôdas as páginas [...] (Siarq/Unicamp, Pt 206 P61).

Para ele, outro ponto importante era que SBH sabia pensar a História do Brasil, em conexão com a História Mundial, porque a “História do Brasil não é um setor isolado, estanque, faz parte da História do Mundo”, e se “o nosso homem culto costuma nutrir um soberano desprezo pela História do Brasil, como se fôsse estudo subalterno, os historiadores de profissão, por outro lado, aferram-se demais aos nossos problemas e não olham em torno de si na apreciação de situações análogas”. Por sua vez, segundo nos indica, SBH, “ao tratar de monjolos, ou de qualquer outro assunto, vai procurar fora do Brasil a sua origem, as semelhanças existentes, etc.” (Siarq/Unicamp, Pt 206 P61). Nesse caso, ele consegue mostrar a permanência dos costumes, como o de caminhar a pé, apreendido com o gentil, os “negros da terra”, demonstrando a inadequação da forma pela qual a iconografia do período descrevia e ilustrava personagens como os bandeirantes (ROIZ, 2013).

Note-se sobre essa questão, que entre 14 e 15 de dezembro de 1957, o escritor e jornalista Cassiano Ricardo (1895-1974), que havia debatido nos anos 1940 com SBH a definição e o uso da categoria “homem cordial” (HOLANDA, 1948, 1991, 1996a, 2011a), apresentou na *Tribuna da Imprensa*, em sua seção *Tribuna dos Livros*, seu texto “Caminhos e fronteiras”, onde diria que:

[...] mestre de bandeirologia, explica êle os prós e os contras que o homem de Piratininga ia encontrando mato adentro, na sua rude avançada. [...] O bandeirante, mais tarde, usará botas altas, mas o grosso da expedição vai sem sapato, no duro. [...] [e] não falta[va] penúria alimentar [...] como não falta[va] a sede, apesar de tanto rio [...] (Siarq/Unicamp, Pt 204 P61).

Assim, para Ricardo, SBH nos ilustraria em sua obra tanto o comum, como o insólito, a exemplo da caça ao jaguar, além de demonstrar a dificuldade inicial com o uso e o manejo de armas de fogo. O que nos indica que para além da contenda que tiveram nos anos 1940, Cassiano Ricardo soube inquirir e apreender a sofisticada análise de SBH, quando ele se opôs a historiografia então consagrada sobre o bandeirante e as bandeiras paulistas, já em meados dos anos 1940, e ver o que de profícuo sua obra trazia para o conhecimento da história de São Paulo e do Brasil. Ademais, ainda nos ilustra uma outra discussão de SBH:

Lembre-se que Sérgio Buarque de Holanda se opôs, certa vez, a uma sedutora tese de Jaime Cortesão a respeito do mito da “ilha Brasil”, como razão de Estado, portuguesa, de uma consciente expansão para Oeste. O seu argumento consistiu, principalmente, em demonstrar que mesmo a penetração no Amazonas obedeceu, não a qualquer mito de ilha Brasil, mas ao tipo português de colonização costeira, prolongando-se do Mar Oceano para o Rio Mar.

Também no caso da penetração bandeirante esclareceu êle em “Raízes do Brasil” que não a podemos compreender bem se não a destacarmos um pouco do esforço luso como um fenômeno que encontra em si mesmo a sua explicação.

Agora o seu estudo é diferente: é aquele aconselhado por Gilberto Freyre, o do dinamismo da cultura também, em relação a área ecológica, com a série de relações entre o homem e os animais, entre o homem e as plantas, entre os animais e o solo, entre uns homens com outros homens. [...]

A verdade [...] é que um douto escritor como é êle tem autoridade suficiente para nos dizer, como diz, muita coisa em caráter conclusivo e definitivo.

Êste novo livro, denso de substância e riquíssimo de informações, completa, a meu ver, e já num outro setor, extremamente sugestivo, as suas magníficas obras anteriores sobre a formação brasileira (Siarq/Unicamp, Pt 204 P61).

Desde que foi lançado o livro, como temos visto, este gerou uma série de debates, a maioria deles ressaltando o pioneirismo, a originalidade e o profissionalismo com o trato do tema. No *Diário do Paraná* de 22 de setembro de 1957 seria reforçada a ideia do pioneirismo de *Caminhos e fronteiras*, ao percorrer certos temas da história do Brasil, e, com isso, firmando a atividade de SBH como “historiador profissional” (Siarq/Unicamp, Pt 192 P61). Na *Folha da Manhã* de São Paulo, em sua edição de 22 de setembro de 1957, inclinava-se aos mesmos pontos, ao expor as mesmas qualidades da obra e do autor (Siarq/Unicamp, Pt 193 P61). Nesta mesma data saiu no *Correio Paulistano* a notícia de que:

Erudito que não vive apenas do simples deglutir de livros e manuscritos, mas que de fato assimila e transfunde suas exaustivas pesquisas [...] dá em verdade uma nova categoria aos trabalhos de reconstituição do passado brasileiro, sobretudo naqueles aspectos que dizem mais de perto com o técnico e social no período anterior a conquista da liberdade política, [e] CAMINHOS E FRONTEIRAS, por isso mesmo, assume grande importância na bibliografia do autor, que é sem dúvida, um dos maiores especialistas brasileiros nesse gênero de estudos a que se vem dedicando (Siarq/Unicamp, Pt 191 P61).

Para o escritor e jornalista José Condé (1917-1971), em notícia publicada no *Correio da Manhã* de 26 de setembro de 1957, *Caminhos e fronteiras* seria “uma obra que amplia a área já perlustrada anteriormente por Sérgio Buarque de Holanda em ‘Monções’, dando toda a medida não somente da capacidade de pesquisa do autor, como de sua visão de sociólogo e historiador servida pelos predicados de excelente escritor” (Siarq/Unicamp, Pt 194 P61). No *Jornal do Comércio* de 6 de outubro de 1957 seria frisado que o livro é “obra de afirmações sempre documentadas, demonstrando meticolosas pesquisas em diferentes setores de nossa tão descuidada história econômica e social do período colonial”, e muito embora “de preferência restritos ao ambiente vicentino e paulistano”, conseguia projetar suas análises também “por terras hoje matogrossenses e paranaenses.” No *Jornal do Brasil* de 13 de outubro de 1957, Reginaldo Guimarães acentuava que:

[...] os horizontes dessa obra se alargaram ainda mais com a publicação de **Caminhos e fronteiras**. As qualidades apontadas em ‘Raízes do Brasil’ como que se aprimoraram, notando-se no escritor mais serenidade, melhor exposição do documentário e menos preocupação interpretativa. [...] Sem desprezar as ciências afins da Sociologia e da História, sem querer transformar o processo da formação cultural de Piratininga em um fenômeno meramente sociológico e histórico, Sérgio Buarque de Holanda dá-nos um estudo mais objetivo que ‘Raízes do Brasil’. Daí a riqueza de material folclórico, etnográfico e lingüístico que há espalhado pelo **Caminhos e fronteiras**, tornando-o um livro raro, obra de erudição e trabalho [de pesquisa prolongada em arquivos] (Siarq/Unicamp, Pt 196 P61).

Na *Folha de Minas* de 17 de outubro de 1957, anunciava-se que SBH retomava temas analisados em obras anteriores, mas avançando no tratamento que lhes era dado, e nos resultados que alcançava, além de ainda procurar pensar novos assuntos de forma original (Siarq/Unicamp, Pt 197 P61). Com isso, temos basicamente circunscrito, o inventário de opiniões que foram lançadas sobre a primeira edição de *Caminhos e fronteiras*, restando-nos apenas acentuar a opinião de um outro historiador, José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), que em meados dos anos 1950 começava a ingressar na carreira. Ele aponta, em “Fundamentos da civilização paulista I”, publicado no *Diário do Povo*, de São Paulo, na edição de 13 de março de 1958, a inegável erudição, que possui um de nossos melhores ensaístas, e:

[...] o seu trabalho representa uma contribuição sociológica inestimável para a interpretação dos fundamentos históricos de nossa civilização [...] [e] deixa sempre transparecer [...] o critério com que se houve em busca das fontes para estudo dos padrões indígenas, calcando[-se] [n]a obra de [vários] etnólogos [...] (Siarq/Unicamp, Pt 218 P62).

Ao dar continuidade a sua análise, em seu texto “Fundamentos da civilização paulista II”, de 20 de março de 1958, ele ainda ressaltaria que:

[...] o sr. Sérgio Buarque de Holanda chega a uma visão de conjunto, que sem se delinear numa configuração completa, apresenta entretanto, num esforço considerável de historiador em nos dar algumas linhas marcantes da civilização do planalto. As suas conclusões sobre a realidade social e histórica paulista, em algumas assertivas, mostram sua motivação, que não se acanha nos limites do fluido temporal, embora se reservem [...] a uma unidade espacial relativa, pois não representam o todo nacional (Siarq/Unicamp, Pt 218 P62).

Apesar de estar estritamente ligado ao campo dos “estudos históricos” em suas pesquisas, para Lapa, SBH não deixou de lado a interpretação sociológica, que vinha cerceando seus trabalhos desde *Raízes do Brasil*. Por outro lado, sem ser polêmico, observa ainda, que “chega a retificar não poucos historiadores e ensaístas do nosso passado, em conclusões mais açodadas ou pesquisas menos atuais, como é o caso de Pandiá Calogeras, Sérgio Milliet, Varnhagen, Otoniel Mota, Basílio de Magalhães e outros.” (Siarq/Unicamp, Pt 218 P62). Nesse sentido, vê-se como a maioria dos comentaristas das primeiras edições dos livros de SBH, publicados nos anos 1940 e 1950, viram a passagem do “crítico literário”, que se mantinha atento as “análises sociológicas”, para o campo dos “estudos históricos”, onde passou a exercer, de fato, o “ofício de historiador”. Tal como o mesmo autor, Amaral Lapa, viria a destacar em “Considerações em torno de uma cátedra”, publicado no *Diário do Povo*, de 19 de novembro de 1958, no qual mostrava a importância da tese para o próprio desenvolvimento da cadeira

de *História da Civilização Brasileira*, onde SBH passou a atuar como professor catedrático (Siarq/Unicamp, Pt 96 P59).

Em 14 de dezembro de 1958, o crítico literário e jornalista Afrânio Coutinho (1911-2000), diria que o livro, *Visão do paraíso*, abria novos rumos nos estudos brasileiros, além de trazer “novas perspectivas de interpretação de nossa história, na linha da moderna corrente historiográfica que acentua o papel das idéias na gênese dos acontecimentos, pondo em relêvo sobretudo o seu conteúdo mítico e a função que a imaginação e o símbolo, o mito e as forças do inconsciente exercem na vida humana.” (Siarq/Unicamp, Pt 222 P62). Desse modo, detalha que esta linha investigativa foi estabelecida nos Estados Unidos nos anos 1940, tendo a obra de Arthur O. Lovejoy (1873-1962) como sua fundadora. Mas, para ele, SBH não teria se inspirado diretamente neste autor, que nem aparece em sua bibliografia, o que tornaria seu trabalho ainda mais original. Por isso mesmo, para ele:

É [...] um dos trabalhos mais fecundos que têm surgido ultimamente, como ponto de partida de uma nova escola historiográfica, a cujo desenvolvimento a cátedra universitária será para o escritor paulista instrumento de grandes possibilidades e oportunidades (Siarq/Unicamp, Pt 222 P62).

Acentuando igualmente o caráter histórico da obra, o *Diário Carioca* de 15 de outubro de 1959, iria noticiar que apesar “de o título sugerir obra de ficção, trata-se de um alentado estudo histórico-social, em que o autor analisa os motivos edênicos que teriam contribuído para a descoberta do Brasil.” (Siarq/Unicamp, Pt 227 P62). Na *Tribuna da Imprensa* de 4 de novembro de 1959, no artigo “A visão do paraíso de Sérgio Buarque”, iria ser indicado que:

Autor de “Raízes do Brasil” e “Caminhos e fronteiras”, Sérgio Buarque de Holanda estuda, agora, em “Visão do paraíso”, as inquietações renascentistas que dinamizaram as culturas e o homem europeu, nos séculos XIV e XV, levando-os à procura de um mundo portentoso onde as maravilhas se misturavam com a realidade. Assim, mitos como o do Eldorado, da Fonte de Água de Juventa e outros estiveram na raiz da aventura geográfica e econômica que provocou a descoberta e a colonização do Brasil pelos portugueses, uma vez que eles suscitaram a aparição de aventureiros e místicos em busca do Paraíso Terreal (Siarq/Unicamp, Pt 228 P62).

Em 6 de dezembro de 1959, foi a vez de Sérgio Milliet, em *O Estado de S. Paulo*, comparar a originalidade e a erudição do trabalho de SBH, com as obras de Paulo Prado e Alcântara Machado, destacando que já em *Raízes do Brasil* se apresentava algumas das teses que seriam exploradas com maior profundidade em *Visão do paraíso*. Para ele, o principal valor da obra não estaria nas teses que desenvolve, mas sim “na beleza e na riqueza do estilo, no conhecimento profundo e nada pedante, nada professoral, do assunto tratado, nas qualidades que se confirmaram e se aprimoram do grande escritor”, que se apresentava ao público nos anos 1950, com uma nova pesquisa, e “que tanto brilha no ensaio como brilhou anteriormente na crítica literária.” (Siarq/Unicamp, Pt 240 P62). Contudo, não devemos concluir com esse itinerário que, nos anos 1950, a obra de SBH gerasse unanimidade de opiniões positivas.

Novamente teríamos no historiador Hélio Vianna (1908-1972), que propôs um conjunto de críticas à primeira edição de *Raízes do Brasil*, décadas depois fazer a mesma análise crítica e minuciosa, ao comentar *Visão do paraíso*, numa série de artigos publicados no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Naquele momento, o autor ainda era responsável pela seção de Resenhas da revista do IHGB e fora catedrático de História do Brasil no curso de Geografia e História da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, a partir de 1939 (FERREIRA, 2013).

Em “Visão do paraíso I”, publicado em 13 de dezembro de 1959, veio a salientar a história da cadeira na qual SBH se tornava seu catedrático em 1958, além de demonstrar sua admiração por Afonso de Taunay, que considerava o maior de nossos historiadores, assim como seu conhecimento pela versão da tese de 1958, cuja edição foi restrita, e a de 1959, que saiu pela José Olympio, com as revisões do autor. Para ele, o texto tinha mais o perfil de ensaio, do que de uma tese acadêmica, o que fazia com que deixasse muitas coisas em aberto, na análise a que se propôs fazer seu autor. Além de não esgotar a temática, os relatos atinentes a ideia de Paraíso Terreal seria pouco explorada para o conjunto das Américas, ao passo que no caso da África seriam pouco visualizadas as características do processo de colonização empreendido pelos portugueses, e a visão que lá se manifestou sobre o paraíso teria sido tão somente panorâmica, com pouca pormenorização de detalhes. Apesar de notar a importância do sincretismo religioso, no reajustamento das visões sobre o paraíso terreal, este acabaria por avançar pouco na sua investigação (Siarq/Unicamp, Pt 241 P62).

Na continuidade de sua análise, em 20 de dezembro de 1959, no texto “Visão do paraíso II”, nota que ao adentrar sobre os mitos minerais seria natural que tratasse das “entradas” e das “bandeiras”. Mas

ressaltaria que mesmo considerando seus méritos, ao tratar do tema, SBH não conseguiu superar a sólida demonstração de seus antecessores na cátedra: Afonso de Taunay e Alfredo Ellis Jr. (ANHEZINI, 2011; ROIZ, 2013). Se de um lado conseguiu corrigir os exageros de alguns religiosos do período colonial, igualmente teria persistido na de outros (Siarq/Unicamp, Pt 241 P62). Por fim, em “Visão do paraíso III”, de 27 de dezembro de 1959, destacou sua credulidade com relação aos milagres e sua aproximação com o materialismo de Caio Prado Jr., além de acentuar que:

Cabalmente discordamos da exclusividade dos objetivos econômicos da colonização portuguesa de nosso país. Firmemente acreditamos que com ela também se construiu uma nação, o Brasil. E este não se fez apenas com “a procissão dos milagres” a que se referiu o Sr. Sérgio Buarque de Holanda nas últimas linhas de seu, entretanto, admirável trabalho, dando-a como contínua da Colônia à Independência e à República. Milagres em que não acreditamos, pois o que houve foi, realmente, aquilo que Benda sugeriu ser *a vontade de construir uma nação* (Siarq/Unicamp, Pt 241 P62).

Ao apontar o que deduz como as fragilidades da obra, Vianna demonstrava estar articulado a uma “tradição historiográfica”¹⁰, na qual os livros de SBH se opunham criticamente, desde meados dos anos 1930, quando foi lançado *Raízes do Brasil*. Desse modo, apesar de sua leitura acentuar mais os “defeitos” da obra, no fundo sua meta era tentar dar maior credibilidade e reabilitar esta historiografia, que então era criticada com sólida demonstração documental e interpretativa, sobre o processo histórico brasileiro, por parte de SBH (FRANZINI, 2010; FURTADO, 2018). No entanto, sua análise serve para demonstrarmos que apesar de maior aceitação e reconhecimento nos anos 1950, quando então seria visto como um “historiador de ofício”, nem por isso a obra de SBH estaria isenta de críticas (ROIZ, 2013).

Ao mesmo tempo, sua obra dos anos 1950 era quase sempre associada a seu livro de estreia. Curiosamente, como vimos acima, o livro que havia sido fortemente criticado nos anos 1930, quando apareceu sua primeira edição, veio a reaparecer entre os comentaristas nos anos 1940 e 1950, como uma “obra prima”, um “clássico”, ao lado da produção subsequente de SBH, onde apresentava resultados mais pautados em análise documental e interpretação histórica.

Mas, também nesse caso, pode-se presumir que isso era o resultado do início da “consagração” da produção de SBH na universidade (Nicodemo, 2008, 2014). Esse fato, como vimos tratando, esteve intimamente associado ao começo do processo de transição do “autodidatismo” para a “profissionalização” do trabalho de pesquisa do historiador no Brasil, que teve início entre os anos 1930 e 1950, assim como a crítica sobre a historiografia oitocentista (então ainda praticada no IHGB e seus congêneres estaduais) e a recepção e utilização de novos programas e procedimentos de pesquisa, associados diretamente ao movimento dos *Annales* (ROIZ, SANTOS, 2012)¹¹. E como indica Antonio Celso Ferreira:

A docência na USP (1956-1969) significou o coroamento de sua carreira como historiador profissional. Há muitos aspectos a pesquisar sobre essa fase: os conteúdos que lecionou e como foram recebidos; as teses que orientou e os grupos de discípulos que formou; os temas a que se dedicou; as novas sociabilidades profissionais nas quais se envolveu com seus afetos e desafetos; como participou da profissionalização dos estudos históricos e qual a relação entre tal profissionalização e as contingências de natureza social e política; o seu papel no meio intelectual e político brasileiro após a aposentaria em 1969 – eis alguns temas que ajudariam a compreendê-lo de maneira menos isolada ou hagiográfica (FERREIRA, 2007, p. 29).

Nesse aspecto, tudo indica que SBH soube não somente colher do “historicismo alemão” as propostas que ainda eram promissoras para a formulação de procedimentos adequados e operacionais a

¹⁰ Ou nos termos de Astor Diehl (2002), de uma “cultura historiográfica”, que naquele momento estava passando por um processo de revisão e mudança, direcionando-a progressivamente para a apreensão das questões econômicas e sociais, em oposição às políticas e diplomáticas, para se poder compreender com maior profundidade a formação da sociedade brasileira (MESGRAVIS, 1983, 1997; FERREIRA, 2011).

¹¹ Destaque-se ainda que foi no mesmo ano em que defendeu sua tese de cátedra, que SBH ingressou na Academia Paulista de Letras (APL), como nos informa a missiva do advogado e político brasileiro, então pertencente a Academia, Oscar Pedroso Horta (1908-1975), que em 26 de junho de 1958 diria: “Meu caro Sérgio – em primeiro lugar, as minhas mornas felicitações para seu ingresso na nossa melancólica Academia de Letras. Como você tem o hábito de não ouvir o que lhe dizem, sempre mais preocupado com o que você mesmo está ruminando, penso que a Academia não lhe fará maior mal. Mando-lhe, em anexo, os dados que obtive sobre a revolução monárquica de Taquaritinga e São Carlos. É possível que você não se recorde da promessa, jurada entre “Chiantis” e “Gorgonsolas”, na casa do Arnaldo. Enpenhei-me em cumpri-la porque você pôs em dúvida a exatidão dos meus poucos conhecimentos. Terminei a leitura do seu último livro [*Caminhos e fronteiras*]. É inacreditável que um sujeito tão confuso como você saiba escrever com a clareza, a precisão e a simplicidade que conformam os seus livros. Recomende-me a tribu dos Holanda e aceite um abraço afetuoso [...]” *Carta de Oscar Pedroso Horta a SBH, São Paulo, 26 de junho de 1958*. Siarq/Unicamp, Cp 215 P9.

pesquisa histórica que então empreendia pelos arquivos, como igualmente conseguiu apreender as inovações trazidas por historiografias, como a do movimento dos *Annales*. Veja-se, a esse respeito, três momentos de *Visão do paraíso* (1959), onde SBH demonstrava como construía seus argumentos, mediante a indicação da insuficiência e/ou fragilidade de outros textos.

Ao começar a justificar sua pesquisa, SBH observava que: “se bem que ainda alheios a êsse ‘senso do impossível’, por onde, segundo observou finamente Lucien Febvre, pode distinguir-se a nossa da mentalidade quinhentista, nem por isso mostravam grande afã em perseguir quimeras”, pois, estes podiam “admitir o maravilhoso, e admitiam-no até de bom grado, mas só enquanto se achasse além da órbita de seu saber empírico”, da mesma forma que “em suas cartas náuticas, continuarão a inscrever certos topônimos antiquados ou imaginários, até ao momento em que se vejam levados a corrigi-los ou suprimi-los, conforme o caso” (HOLANDA, 1959, p. 8). De acordo com ele:

[...] sabe-se como o fato de numerosos mapas quinhentistas e seiscentistas mostrarem as águas do Amazonas e as do Prata unidas no nascedouro, através de uma grande lagoa central, levou o historiador Jaime Cortesão a sugerir ultimamente a idéia de uma ‘ilha Brasil’, que teria sido concebida entre os portugueses da época sob a forma de um mito geopolítico.

Não é fácil, contudo, imaginar-se de que forma concepções como essa, se é que existiram de fato, poderiam ter tido papel tão considerável na expansão lusitana. No caso particular da África, onde elas deviam encontrar terreno excepcionalmente favorável a seu desenvolvimento, devido à velha sugestão de que as águas do Senegal, assim como as do Nilo, provinham do próprio Paraíso Terreal, nada faz crer que chegassem a exercer sobre aqueles navegantes algum extraordinário fascínio (HOLANDA, 1959, p. 13)¹².

Do mesmo modo que há “quase século e meio mostrou Ranke o engano dos que pensavam num império português quinhentista, considerando a extensão ocupada pelos seus estabelecimentos do além-mar”, devia-se ter em vista, contudo, “que dêsse engano estavam longe de participar os que, durante o século XVI, puderam informar-se com segurança sobre o que representavam aqueles estabelecimentos” (HOLANDA, 1959, p. 356). Ao lado desses exemplos poderíamos, evidentemente, associar dezenas de outros, para mostrar o estilo argumentativo que o autor de *Raízes do Brasil* foi amadurecendo ao longo dos anos 1930 até meados de 1950, e que não somente podem ser encontrados em *Visão do paraíso*, mas igualmente poderiam ser mensurados e retirados de *Monções* ou de *Caminhos e fronteiras* (WEGNER, 2000; NICODEMO, 2008, 2014).

Mas resta-nos, por fim, salientar que SBH, no processo de revisão de seu livro de estreia (HOLANDA, 1948, 1956) e na produção de suas novas pesquisas nos anos 1940 e 1950 procurou, ao mesmo tempo, acentuar melhor as “pressões do passado” que impunham a permanência das “relações cordiais”, subjulgando o desenvolvimento tanto de um “espaço público” quanto dos processos “democráticos” no país, mas sem, com isso, deixar de vislumbrar as novas oportunidades que se abriam em seu presente histórico (após 1946), para que as “amarras do passado” pudessem ser, enfim, superadas (HOLANDA, 1959, 1989, 1996a, 2002a, 2011a)¹³. Evidentemente, como vimos analisando nos comentários de seus contemporâneos, desde a primeira edição de *Raízes do Brasil*, nos anos 1930, esse era um dos pontos mais polêmicos, e, em alguns casos, o menos entendido, donde o vigor com que a crítica especializada se detinha para acentuar a “fragilidade” da proposta de mudança social para o país, sugerida por SBH, especialmente, no último capítulo de seu *Raízes do Brasil*. Do mesmo modo que convinha a muitos estudiosos criticá-lo, em função de suas escolhas teóricas e metodológicas buscarem superar os percalços da historiografia oitocentista, cujas bases ainda serviam para mediar e sustentar o trabalho de muitos historiadores brasileiros daquele período.

Considerações Finais

[...] paulista nato, é dos que mais honram a cultura bandeirante, com uma série de estudos, alguns já clássicos¹⁴.

Assim, o poeta e jornalista Menotti del Picchia (1892-1988) sugeria em seu artigo “Visão do Paraíso”, publicado em *A Gazeta* de 17 de setembro de 1960, como deveria ser encarada a obra pioneira de SBH.

¹² Note-se que, nos anos 1970, SBH (1979) retomaria essa questão na introdução de seu livro, *Tentativas de mitologia*, para justificar a reprodução dos artigos que publicou na imprensa periódica, entre o final dos anos 1940 e meados de 1950, onde discutia com Jaime Cortesão esse tema.

¹³ Não podemos esquecer que esse problema permaneceu na pauta de análise de SBH, mesmo em sua produção dos anos 1960 e 1970, como pode ser visto em seu livro, *Do Império a República*, de 1972 (HOLANDA, 2004b; ASSIS, 2004; ROIZ, 2012); ou nos vários artigos que escreveu (além deste livro), para a *História geral da civilização brasileira*, onde foi ainda coordenador dos volumes relativos ao período Colonial e Imperial.

¹⁴ Siarq/Unicamp, Pt 248 P62.

De modo semelhante se pronunciaria o historiador João Camilo de Oliveira Torres, no seu artigo “Dois livros”, publicado em *O Diário*, de Belo Horizonte, em 29 de dezembro de 1960, ao dizer, se referindo a *Visão do paraíso*, que vamos “seguindo por aí, lendo e aprendendo, descobrindo coisas extraordinárias e sentindo que havia mais coisas naqueles nossos antepassados que mudaram a história do mundo do que geralmente se supõe.” (Siarq/Unicamp, Pt 251 P62). Pioneirismo, inovação, originalidade e erudição passariam a ser, a partir dos anos 1960, quase sempre, a norma nos argumentos presentes nos comentários publicados na imprensa periódica sobre os livros de SBH.

Tal como vimos, SBH foi progressivamente se estabelecendo como “historiador por vocação”, após transitar pela crítica literária e sociológica nos anos 1920 e 1930, mas sem, com isso, deixar de praticar o ofício de “crítico literário” na imprensa periódica dos anos 1940 e 1950, quando se consolidaria como um “historiador de ofício”.

Foi aos poucos que ele foi se definindo no campo dos “estudos históricos”, mas sem nunca abandonar sua aptidão pela “crítica literária”. Que, aliás, lhe valeu não apenas a sensibilidade literária na escrita de seus textos, no devassamento dos arquivos, na análise de acervos documentais cada vez mais amplos e no cultivo de um ecletismo teórico e metodológico em suas práticas de pesquisa.

Como também lhe permitiu tanto trilhar um caminho promissor pelo campo dos estudos históricos, quanto ser ainda pioneiro na abertura de frentes de pesquisa sobre temas novos (o estudo das massas e dos personagens anônimos em nossa história) e antigos, como os “bandeirantes”, as “monções”, as “fronteiras”, o “imaginário social” e as “mentalidades coletivas” (CANDIDO, 1998a, MONTEIRO, EUGÊNIO, 2008; FRANZINI, 2010; NICODEMO, 2011; MARRAS, 2012; MONTEIRO, 2015). Assim como de empreender abordagens inovadoras para analisar a temática, sustentando a importância de não se deixar de lado questões socioculturais e econômicas, que ao lado das políticas, permitiriam reconstituir melhor a história de uma dada sociedade do passado.

Tais premissas vieram a contribuir diretamente com a consolidação do “ofício de historiador”, após os anos 1950 (NICODEMO, 2008; FRANZINI, 2010), quando então ele se estabeleceu como professor catedrático na cadeira de *História da Civilização Brasileira* do curso de História da FFCL/USP, e efetivamente iria atuar como um “historiador profissional”, como seria depois definido pelos seus “pares” (DIAS, 1985, 1988; 2002; CAPELATO, GLEZER, FERLINI, 1994; CANDIDO, 1998a; NOVAIS, 2005; FRANZINI, 2010; NICODEMO, 2014; MARRAS, 2012).

No entanto, seu percurso não foi nem simples, nem tampouco linear. Vimos como sua “rebelia juvenil” contribuiu para definir sua aptidão pela crítica as “tradições do passado”, pela contraposição as ideias fixadas no tempo e numa geração, pela busca de inovação na linguagem, na pesquisa, na interpretação, e de mudanças nas atitudes, nas ações e nas ideias de seu tempo.

Ao mesmo tempo, vimos como esse modo de agir e pensar lhe valeram críticas e elogios por parte de seus contemporâneos, desde o lançamento de seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*, em 1936. E que não deixou de mediar mesmo às intervenções subsequentes, que foram produzidas para comentar, discutir, e até mesmo criticar as edições seguintes de seu *Raízes do Brasil*, assim como as primeiras edições de: *Cobra de vidro* (de 1944), *Monções* (de 1945), *Caminhos e fronteiras* (de 1957) e *Visão do paraíso* (1958, 1959). Ao lado desse tipo de percepção de sua obra, vimos também como, a partir dos anos 1950, esses mesmos comentários acentuavam o pioneirismo, a inovação, a originalidade e a erudição do “historiador profissional”, tal como seria definida, desde então, a obra e a trajetória de SBH na historiografia brasileira (DIAS, 1985; CANDIDO, 1998a; FERREIRA, 2011; MARRAS, 2012).

Com isso, foi possível adentrar tanto sobre a trajetória de SBH no momento em que estava produzindo seus livros, quanto na maneira sobre a qual estes estavam sendo recebidos na imprensa periódica, entre os anos 1940 e 1950. Ao fazermos esse duplo movimento, vimos como SBH foi construindo uma imagem de si, na qual o historiador de ofício se apresentava a seus leitores. Nesse aspecto, SBH compôs seu percurso não somente com letrados de São Paulo e do Rio de Janeiro, por onde esteve a maior parte de sua vida, mas também com aqueles estabelecidos em outros pontos do país e do exterior. Isso se revelou muito frutífero, como vimos em suas missivas, para a formação de um circuito de troca de informações, localização de documentos, envio e recebimento de obras e de cópias de fontes documentais, discussão de obras, textos em produção e de autores do Brasil e do exterior (ROIZ, 2013).

Nesse processo, acompanhamos sua lenta e gradual consolidação no campo dos “estudos históricos”, cuja base de seus procedimentos viria a inspirar a própria definição do “ofício de historiador” após os anos 1950, e, especialmente, depois de 1970, quando veio a se estabelecer o novo formato das pós-graduações *stritu senso* no país (MONTEIRO, EUGÊNIO, 2008; FERREIRA, 2011; MARRAS, 2012; ROIZ, 2012). Com isso,

SBH forneceu subsídios para: 1 – os profissionais na área notarem a importância dos relatos de viajantes e outros tipos de fontes documentais, além das de cunho “oficial”; 2 – instigou a observarem a importância do questionamento, antes mesmo do agrupamento dos documentos, aliando as premissas do “historicismo alemão”, aos avanços do “movimento dos *Annales*”; 3 – mostrou a propriedade de não se estabelecer amarras teóricas e metodológicas no processo de pesquisa e durante a confecção da narrativa; 4 – nem tampouco reduziu a análise do processo histórico a circunstâncias políticas e diplomáticas, mas igualmente adentrou no modo de agir e pensar de uma dada sociedade do passado, demonstrando suas peculiaridades sociais, culturais e econômicas; 5 – e incentivou a formação de intercâmbios de profissionais no Brasil e no exterior, assim como de obras, cujo processo de internacionalização de diálogos e de troca de informações, seria essencial para o próprio desenvolvimento do “ofício de historiador” no país¹⁵, a partir dos anos 1950.

Obras de Sérgio Buarque de Holanda:

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 1ª Edição. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. ***Tentativas de mitologia***. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Organização e introdução de Francisco de Assis Barbosa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. **O espírito e a letra: estudos de crítica literária I (1920-1947)**. Organização, introdução e notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, v. 1.

_____. **O espírito e a letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)**. Organização, introdução e notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v. 2.

_____. ***Para uma nova história***. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004a.

_____. **Escritos coligidos, 1920-1949**. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2011a.

_____. **Escritos coligidos, 1950-1979**. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2011b.

Obras sobre Sérgio Buarque de Holanda:

BARBOSA, F. A. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. In: Vários. **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra**. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 27-54.

BRESCIANI, M. S. M. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

CALDEIRA, J. R. C. (org.) **Perfis buarquianos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: IMESP, 2005.

CANDIDO, A. **A educação pela noite**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

_____. **O discurso e a cidade**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

_____. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Edição comemorativa 70 anos. SP: Companhia das Letras, 2006, p. 235-50.

¹⁵ Evidentemente, a herança crítica da obra de SBH começaria a ser incorporada e apreendida com maior propriedade na historiografia brasileira, a partir dos anos 1980, como pode ser observado nos vários verbetes, conceitos, acontecimentos e interpretações que auxiliou na definição, na demarcação e no questionamento, ou inversamente propiciou a sua crítica e revisão. Sobre isso ver: Monteiro, Eugênio, 2008; Monteiro, 2015; Roiz, 2013; Furtado, 2018.

- _____. Contos de duas cidades. In: CALDEIRA, J. R. C. (org.) **Perfis buarquianos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: IMESP, 2005, p. 9-16.
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: Idem. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- _____. **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998a.
- _____. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, A. (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998b.
- _____. Sérgio em Berlim e depois. In: Idem. **Vários escritos**. 3ª Edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 323-335.
- _____. Sérgio, o radical. In: Vários. **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra**. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 61-65.
- CARVALHO, R. G. **Um “estudo compreensivo”**: historicidade em “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1936). Dissertação de mestrado em História, UFPR, 2013.
- _____. Capítulo da recepção de "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda: leituras contemporâneas à obra (1936-1938). **História e-História**, v. 1, p. 1-24, 2012.
- CARVALHO, M. V. C. **Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920-1940)**. Tese de doutorado. Departamento de História, IFCH, Unicamp, Campinas, 2003.
- COSTA, M. A. S. **Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980**. Tese de doutorado em História, UNESP/Assis, 2007.
- DIAS, M. O. L. S. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: Idem. (org.) **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p. 7-64.
- _____. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: Vários. **Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra**. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 73-82.
- _____. Sérgio Buarque de Holanda na Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, 1994, p. 269-274.
- EUGÊNIO, J. K. **Ritmo espontâneo – organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Editora João Kennedy, 2011.
- FRANZINI, F. **À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.
- FURTADO, A. **Das fortunas críticas e apropriações** ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado. Tese de doutorado em História, UFF, 2018. Link: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/2032.pdf>.
- GALVÃO, W. N. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Estudos Avançados**; vol.15, nº. 42, 2001, p. 471-486.
- GLEZER, R. **O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica**. São Paulo, 1976. Tese de doutorado em História, FFLCH\USP.
- GUIMARÃES, M. L. S. **Historiografia e Nação no Brasil, 1838-1857**. Tradução de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: Eduerj; Anpuh 50 anos, 2011.
- GUSMÃO, L. Notas epistemológicas sobre Sérgio Buarque de Holanda historiador. In: Idem. **O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012, p. 173-338.
- LARA, C. **Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo**. São Paulo: IEB, 1972.
- LUCA, T. R. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

- _____. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- MARRAS, S. (org.) **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Edusp, 2012.
- MICELI, S. **Vanguardas em retrocesso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MONTEIRO, P. M.; EUGÊNIO, J. K. (org.) **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Campinas/SP: Ed. Unicamp; UERJ, 2008.
- MONTEIRO, P. M. **Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015.
- _____. **A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil**. Campinas/SP: Unicamp, 1999.
- _____. Sérgio Buarque de Holanda e os atores da nossa revolução. **Cadernos de História Social**, Campinas (SP), n. 4, 1996, p. 59-72.
- MONTEIRO, P. M. (org.) **Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência**. São Paulo: Companhia das Letras, Edusp, 2012.
- NICODEMO, T. L. **Urdidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950**. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil, 1930-1960. In: MARRAS, S. (org.) **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Edusp, 2012, p. 109-132.
- _____. **Alegoria moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2014.
- RINGER, F. K. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933**. São Paulo: Edusp, 2000.
- ROCHA, J. C. C. *Raízes do Brasil*: biografia de um livro-problema. In: MARRAS, S. (org.) **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Edusp, 2012, p. 19-40.
- ROCHA, J. C. C. **Crítica literária: em busca do tempo perdido**. Chapecó/SC: Argos, 2011.
- ROIZ, D. S. **Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)**. Curitiba/PR: Editora Appris, 2012.
- _____. **A dialética entre o “intelectual-letrado” e o “letrado-intelectual”**: projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959). Tese de doutorado em História, UFPR, 2013.
- ROIZ, D. S.; SANTOS, J. R. **As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- SALIBA, E. T. De Pafuncio Pechincha a Sérgio Buarque dos Países Baixos: formatos da narrativa humorística brasileira. In: MURARI, F. (org.) **Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) História**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 231-248.
- SANCHES, R. R. **Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente**. Tese de doutorado em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara, 2007.
- WAIZBORT, L. O mal entendido da democracia – Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 76, 2011, p. 39-62.

Recebido em 21/05/2019

Aceito em 08/10/2019